

DE SAUSSURE A CHARAUDEAU: O SIGNO DA LÍNGUA E O SIGNO DO DISCURSO

André Crim Valente

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabiana dos Anjos Pinto

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO

A obra de Ferdinand de Saussure foi revisitada intensamente, em 2013, ano do centenário da morte do mestre genebrino. Em verdade, sua produção linguística sempre foi objeto de estudos vários desde o lançamento do Curso de Linguística Geral, em 1916. Este artigo traz reflexões de renomados linguistas sobre a obra saussuriana e busca vínculos dela com a Análise do Discurso a partir das noções de signo da língua e signo do discurso. Dentre as diversas vertentes da AD, faz-se aqui uma opção pela corrente semiolinguística do discurso, tendo como base teórica a obra de Patrick Charaudeau, com destaque para o conceito de contrato de comunicação. Com apoio de tal suporte teórico, proceder-se-á à análise de textos midiáticos, verbais e não verbais, com o intuito de ressaltar a importância dos signos linguísticos – da língua e do discurso – na construção dos sentidos nesse gênero textual.

PALAVRAS-CHAVE: signo; língua; discurso; contrato de comunicação

Nas comemorações que revisitaram a obra de Saussure em 1913, um século após a morte do autor genebrino, muito se falou da importância do *Curso de Linguística Geral* para os estudos linguísticos do século XX e do novo milênio. Há quem veja a obra saussuriana como o grande clássico da linguística moderna, que, desde sua publicação:

criou um novo objeto para a Linguística, a língua, e suas teses

sobre a língua como instituição social, sobre a arbitrariedade do signo, sobre as análises sincrônica e diacrônica, etc. transformaram o fazer dos linguistas e alteraram a Linguística. Atualmente, repetimos certas teses do mestre genebrino, como, por exemplo, de que na língua só há diferenças, sem sequer saber que ele foi seu primeiro formulador. (FIORIN et al, 2013, p.7)

Ao tratar da obra de Saussure, cinquenta anos depois da morte do mestre genebrino, Benveniste (2005) afirma-nos que “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome” (p. 34).

A seguir, destaca o que considera primordial na doutrina saussuriana:

num princípio que presume uma intuição total da linguagem, total ao mesmo tempo porque contém o conjunto da sua teoria, e porque abarca a totalidade do seu objeto. Esse princípio é que *a linguagem*, como quer que se estude, *é sempre um objeto duplo* formado de duas partes cada uma das quais não tem valor a não ser pela outra. (p. 43)

Ao concluir suas observações sobre a importância de Saussure, Benveniste destaca que Saussure foi:

Precursor das doutrinas que de cinquenta anos para cá transformaram a teoria da linguagem, misteriosa do homem e, ao mesmo tempo, propondo no horizonte da ciência e da filosofia a noção de “signo” como unidade bilateral, contribuiu para o advento do pensamento formal nas ciências da sociedade e da cultura, e para a constituição de uma semiologia geral. (p. 49)

Ao abordar a história e a origem da linguística, Benveniste (1989) menciona a teoria indiana de Panini (do século IV antes da nossa era) e as reflexões dos filósofos gregos sobre a linguagem. Quanto à visão predominante de que a linguística começa com Saussure, Benveniste ressalta que “ele não é um começo, ele é outra coisa, ou é um outro tipo de começo”.

Destaca, a seguir, a importante contribuição de Saussure – A linguagem é a forma, não substância – e assim a esmiúça:

Não há nada de substancial na linguagem. Todas as ciências da natureza encontram seu objeto constituído. A linguística, e é isto que a diferencia de qualquer outra disciplina científica, se ocupa de algo que não é objeto, não é substância, mas que é forma. Se não há nada de substancial na linguagem, o que há? Os dados da

linguagem não existem senão por suas diferenças, eles não valem senão por suas oposições. Pode-se contemplar uma pedra em si, localizando-a na série dos minerais. Enquanto que uma palavra, por si mesma, não significa absolutamente nada. Ela não é senão por oposição, por vizinhança ou por diferenciação em relação a um outro, um som em relação a um outro som, e assim por diante. (p.31)

Com 22 anos, Saussure publicou *Mémoire sur le système primitif de les voyelles dans les langues indo-européennes*. Depois, não publicou quase nada. Em 1996, descobriram-se manuscritos saussurianos de um “livro sobre a linguística geral” e foram publicados com o título *Écrits de Linguistique Générale*, obra organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler (no Brasil, com edição da Cultrix).

A obra *Escritos de Linguística Geral* trouxe novas contribuições de Saussure e ampliou o acervo linguístico presente no *Curso de Linguística Geral*. Importa aqui destacar, em consonância com os objetivos deste artigo, as referências a aspectos discursivos da linguagem. No item “O discursivo, lugar de modificações”, destaca-se que “Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva.” (2002, p.87)

Na obra *Escritos de Linguística Geral*, encontra-se, também, uma passagem que estabelece uma distinção entre língua e discurso. Intitula-se *Nota sobre o discurso*. Devido à sua relevância, transcrevemo-la na íntegra:

A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso?*

Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), como *boeuf, lac, ciel, fort, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. Em que momento ou em virtude de que operação, de que jogo que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?

A sequência dessas palavras, por mais rica que seja, pelas ideias que evoca, indicará apenas, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É uma questão igual à de saber o que é o *discurso*, sendo

que, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento. (2002, p. 235)

Na releitura de parte da obra saussuriana, Baylon e Fabre (1990, p. 19) tratam da linguagem, da língua e da fala vinculando-as, respectivamente, ao homem em geral, ao grupo social e ao indivíduo, conforme se constata no seguinte quadro:

1. O homem em geral	. Faculdade: a linguagem (aptidão para comunicar por meio de sinais vocais supondo a existência de uma função semiótica).
2. O grupo social	. Produto: a língua, objeto da linguística, instrumento de comunicação (sistema de sinais vocais específicos dos membros de uma mesma comunidade, e/ou sistema de regras).
3. O indivíduo (o sujeito falante).	. Ato: a fala, o discurso, matéria linguística: conjunto dos fenômenos ligados à utilização da linguagem e/ou maneira como o locutor utiliza as regras.

Ao discorrer sobre fala, discurso e faculdade da linguagem na reflexão de Saussure, Michel Arrivé (2010) destaca que “é preciso abordar a questão das relações entre fala e seus diferentes substitutos ou parente: essencialmente o discurso e a faculdade de linguagem” (p. 119). Arrivé ressalta, então, que:

Esse será o meio de enfrentar de maneira plenamente informada um problema central: o problema do lugar do discurso – isto é, como veremos, do jogo da linguagem no indivíduo – na reflexão saussuriana. O discurso é, em si mesmo, fundamental; e capital também, pela importância que adquiriu recentemente em alguns desenvolvimentos da linguística atual e por suas relações com outras disciplinas, especialmente a psicanálise. (p. 115)

Paul Bouissac (2002), quando trata da influência de Saussure na linguística, observa que, curiosamente, ela “não se deu na forma de um dogma incorporado em um livro que pudesse servir como uma referência oficial no futuro, mas muito mais com o duradouro impacto dos seus ensinamentos” (p.215).

Bouissac lembra que, com Saussure, surgiu uma maneira de construir um nível qualquer de análise “que pudesse ser escolhido como um sistema de elementos distintos cujas identidades dependessem de suas mútuas relações e interdependência sistemática” (p.215). Conclui, então que:

A tese fundamental era de que nenhum elemento pode ser considerado como uma entidade puramente positiva, mas tem uma identidade e um valor que são determinados mais pelo que ele não é do que pelo que ele é. Essa perspectiva gerou um algoritmo universal que se integrou no modo de fazer linguística nos anos seguintes por aqueles que tiveram contato com os conhecimentos apresentados nos cursos de Saussure. (p.215)

Saussure na Análise do Discurso

A presença do *Curso de linguística Geral* (CLG) na Análise do Discurso (AD) francesa foi objeto de estudo de analistas do discurso como Pêcheux e seu grupo nos anos 1960 e 1970, como observa Piovezani (2013) ao indagar: “O CLG é então para a Análise do Discurso um ponto de partida ou uma obra a ser recusada?” (p. 150).

O autor também reflete sobre o que dizem hoje a respeito de Saussure os estudiosos do discurso no Brasil. Mostra que, no percurso secular da obra saussuriana, ele “era interpretado de modo sensivelmente diverso e ambivalente” (p. 150). Destaca que, na segunda metade do século XX, o CLG “torna-se uma referência obrigatória para linguistas, mas também para Lévi-Strauss, Greimas, Althusser, Lacan, Foucault, Barthes e Derrida” (p. 150). Ressalta que, antes, “Jakobson e Hjelmslev consideravam o Curso como uma obra fundadora e fundamental, mas não cabalmente desenvolvida” (p.151).

Piovezani comenta que, entre linguistas brasileiros, estudiosos da AD, “há diferenças significativas quanto à presença ou ausência e ainda posicionamento diante de Saussure...” (p.156). Observa, ainda, “a ocorrência de uma crítica a certo aspecto da teoria saussuriana (a separação entre histórico e social) em relação ao qual a AD promoveu um deslocamento...”(p. 156).

Conclui que, tanto para os que aderiram às ideias de Saussure como para os que delas discordaram, a obra do mestre genebrino terá sempre o valor de um Clássico na nossa área. Observa que “talvez ainda de distintos modos duas mortes tenham contribuído para que tanto se fale do que disse Saussure sobre a fala humana: a do autor e a do homem.” (p.159). A primeira morte remete à importância da obra deixada e a segunda, à impossibilidade de resposta às críticas surgidas. Piovezani, reconhecendo a relevância da obra saussuriana, arremata:

Não podemos fugir aqui a esse último paradoxo: essas mortes não representaram o fim de Saussure, mas certo começo de uma vida muito longa e produtiva. Mestres como ele jamais morrerão enquanto continuarem a nos ensinar que falamos tanto de nossa fala para reafirmarmos, em última instância, um dos caros aspectos de nossa condição humana. (p.160)

Signo da língua e signo do discurso

Com base nas noções formuladas por Patrick Charaudeau, pode-se, a partir da frase “Eu tenho trinta anos”, estabelecer a distinção entre sentido da língua e sentido do discurso:

1. Sentido da língua:

a um actante (eu) é atribuída uma propriedade (anos), quantificada (trinta), e o todo no ato de enunciação reportado pelo próprio sujeito falante;

2. Sentido do discurso:

a) Frase como réplica a uma asserção anterior; no caso, quem a profere se considera velho para exercer atividade esportiva;

b) Frase como réplica a uma asserção anterior; quem a profere se considera jovem em relação a exigências vinculadas a experiências de vida no campo profissional ou no afetivo.

Creemos que também se pode distinguir um sentido do outro considerando-se que o da língua é marcado pela interioridade no plano frasal, enquanto o do discurso, pela exterioridade. No que respeita ao universo de discurso, cabe ressaltar as considerações de Eugenio Coseriu:

Por universo de discurso entendemos o sistema universal de significações a que pertence um discurso (ou um enunciado) e que determina sua validade e seu sentido. A literatura, a mitologia, as ciências, a matemática, o universo empírico, enquanto “temas”

ou “mundos de referência” do falar, constituem “universos de discurso”. (1979, p. 234)

Na distinção de signo linguístico de língua e signo linguístico de discurso, Charaudeau (2005) aponta uma tripla dimensão naquele e uma dupla dimensão neste, conforme se pode constatar na sua didática exposição:

S'agissant du signe, on sera amené à distinguer, dans un rapport de complémentarité, un signe linguistique de langue et un signe linguistique de discours:

-) Le signe linguistique de langue, d'après une tradition maintenant bien établie, se définit selon une triple dimension: structurelle, car il s'informe et sémantise de façon systémique au croisement des co-occurrences et des oppositions possible sur les deux axes syntagmatique et paradigmatic; contextuelle, dans la mesure où il est investi de sens par un context linguistique qui doit assurer une certaine isotopie; référentielle dans la mesure ou tout signe refere à une réalité Du monde dont Il construit la significance.

-) Le signe linguistique de discours se définit selon une double dimension: situationnelle, car il depend pour son sens de composantes de la situation de communication, interdiscursive, car son sens depend également des discours déjà produit qui constituent des domaines de savoir norms. (p.64)

A língua como contrato e o contrato como discurso

Se o signo linguístico de Ferdinand Saussure motivou a concepção de signo de discurso na teoria de Patrick Charaudeau, também é possível estabelecer pontos de aproximação no uso do termo contrato, empregado tanto pelo mestre genebrino quanto pelo estudioso francês. Independentemente da significação que essa palavra assuma em uma e outra abordagem, é evidente que, com regularidade, associamos contrato:

(I) a uma espécie de convenção cujos valores e significados são repassados entre os membros de uma coletividade;

(II) a um acordo que pressupõe ações individuais em consonância com certa realidade coletiva;

(III) a um código cujas leis e estruturas garantam a harmonia e a interação entre os membros de um determinado grupo.

Entendendo que as formulações anteriores não se referem a

qualquer tipo de contrato, mas àquele que possibilita a comunicação entre os homens em um dado meio sociocultural, compreende-se a língua como entidade social regida por esse contrato. Sendo a língua um bem coletivo, portanto, poderia parecer natural aos seres humanos “herdá-la” e desenvolvê-la de maneira uniforme, comum aos membros da mesma espécie, como ocorre com a habilidade de andar, por exemplo. No entanto, ao tomar posse da língua materna, os indivíduos a reutilizam imprimindo seus desejos, opiniões, necessidades, motivações e experiências.

Em outras palavras, dão o seu tom particular a um conjunto de códigos coelaborados socialmente; constroem a sua fala como alguns dos muitos produtos da língua. Eis uma verdade universal sobre os humanos: o homem vive pela palavra e para um interlocutor; eis o grande legado dos ensinamentos saussurianos: a dicotomia *langue* (língua)/ *parole* (fala) que, dentre muitas contribuições, fundou a língua como o próprio objeto de estudo da Linguística, sem desconsiderar, entretanto, a necessária dicotomia social/individual.

Observemos o período seguinte para desenvolvermos o conceito de língua como contrato, nos termos de Saussure:

Eu torço pro América!

Repensando a sentença em destaque a partir da associação com o item (I), relativo à primeira reflexão sobre contrato – “espécie de convenção cujos valores e significados são repassados entre os membros de uma coletividade” –, verificamos que um usuário da Língua Portuguesa falada no Brasil reconhece nos vocábulos “torço” e “América” muito além de um somatório de letras e da junção de sílabas que conferem unidade sonora e lexical a essas formas. Identificamos, de imediato, um conjunto de referências culturais que acessam significações em torno das imagens sobre futebol carioca, tradição esportiva e identificação com um time. De outra maneira, caso tomássemos “torço” e “América” separadas do contexto futebolístico, um falante do português brasileiro ainda poderia pensar, aleatoriamente, em outras referências semânticas cristalizadas culturalmente, como o movimento com as mãos em “ele *torceu* a calça e a estendeu no varal” ou a ideia de país/ continente em situações do tipo “A América (E.U.A) é o sonho de emprego de muitos brasileiros” ou “a América do Sul é banhada pelo oceano Atlântico”.

Esses exemplos conduzem à ilustração de que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas, sobretudo, um repositório de conhecimento de mundo, construído e reproduzido socioculturalmente. Isso significa que, ao fazermos uso dela, exprimimos toda sorte de hábitos e valores culturais consagrados e preservados entre os membros de uma sociedade. Em suma, a língua é uma fonte de armazenamento e reprodução do conhecimento enciclopédico e, nesse sentido, apropriar-se dela é saber empregá-la em consonância com o cotidiano de uma comunidade.

Correlativamente aos ensinamentos de Ferdinand Saussure (1969), essa reflexão se vincula a uma das definições de *langue*, em conformidade com o que foi exposto no *Curso de Linguística Geral*, em 1916. Segundo o teórico suíço, a língua “é uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (p. 27). O que autoriza o mestre a considerá-la, nessa acepção, como “acervo linguístico”, já que “é o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”(p. 92).

Além da ideia “acervo”, a *langue* apresenta mais duas conceituações por Saussure: “realidade sistemática e funcional” e “instiuição social”, que nos permitem reconhecê-la contratualmente. Vejamos uma reportagem do final de 2013, em que se circunscreve o exemplo anterior **Eu torço pro América**.

América-RJ terá fanático em novela global e quer reviver sucesso do Divino

Renan Rodrigues

Do UOL, no Rio de Janeiro, 21/11/2013. 06h00

Os torcedores do America-RJ poderão ver novamente o clube de coração em uma novela da *TV Globo*. Apesar de estar na série B do Carioca e longe das transmissões dos jogos, o time da Zona Norte do Rio terá um de seus fanáticos retratado na atual novela das 19h, ‘Além do Horizonte’. Empolgada com o projeto e exposição, a diretoria tenta embarcar no sucesso do Divino FC, time fictício de ‘Avenida Brasil’, trama de muito sucesso encerrada em 2012.

O personagem Osvaldo, interpretado por João Camargo, é um engenheiro aposentado e hipocondríaco que torce fervorosamente

pelo América-RJ - guarda várias camisas e bandeiras em sua casa. Para deixar a caracterização o mais fiel possível, produtores da trama procuraram o clube para uma pesquisa e coleta de materiais. Oswaldo virá caracterizado sempre pelo bordão **“eu torço pro América!”**. (Grifo nosso)

“A Globo nos procurou para realizar uma pesquisa de produção, saber quais músicas o torcedor do América-RJ canta, os trejeitos, maneira de torcer. Um exemplo é que a torcida não grita ‘América’, mas sim ‘Sangue’. Para evitar esses micos, fizeram várias entrevistas para ajudar a construir o personagem”, disse o presidente do clube, Vinícius Cordeiro.

Como a emissora só exibe as marcas de seus anunciantes nas novelas, a produção da trama selecionou camisas retrô do América-RJ para o personagem, sem a publicidade do modelo de jogo atual. A própria *Globo* utilizará os moldes para produzir o figurino e outros objetos utilizados nas cenas. O mandatário do clube diz acreditar que a exposição trará um aumento nos modelos inspirados no passado, mas admite que o destaque ao Divino FC era superior por ser um clube fictício.

“O Divino era um time imaginário e era uma novela de muito sucesso, então muita gente comprou camisas, não importava o clube. É como o Tabajara, que foi criada pelo extinto Caseta e Planeta. Mas não somos o Tabajara, já temos uma venda boa. Mas claro que um destaque desse impulsiona”, declarou o presidente do América-RJ.

O alvirrubro vive situação complicada dentro das quatro linhas. Dono de sete títulos estaduais, o clube da Zona Norte chegou ao triangular final da segunda divisão neste ano, mas não conseguiu o acesso à elite. Para 2014, a gestão do departamento de futebol foi repassada à empresa ODG Sports.

“Acho que se o América sobreviveu em termos de imagem, de estar presente na cultura, mídia e memória do carioca, em parte foi pelas novelas da Globo. Essa combinação da trama com o futebol costuma agradar ao público e nos ajudou bastante nos últimos anos”, revelou Cordeiro.”

Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/11/21/america-rj-tera-fanatico-em-novela-global-e-quer-reviver-sucesso-do-divino.htm>

No texto de Renan Rodrigues, divulga-se mais uma novela glo-

bal, “Além do horizonte”, que terá como personagem um estereotipado torcedor do América. O repórter faz um levantamento de outras produções da emissora que contribuem com a preservação da memória vitoriosa do clube carioca, sete vezes campeão estadual, mas que hoje está na segunda divisão e enfrenta problemas dentro e fora de campo. O América, dono de um passado memorável, abrigou títulos que fazem a história do futebol do Rio e o orgulho da Zona Norte carioca. Nesse contexto situacional, um enunciado como **“Eu torço pro América!”**, torna o personagem Oswaldo, mencionado na reportagem, o porta voz de um imaginário idealizado do clube e, mais que isso, uma representação do torcedor herói, pronto para lutar pela valorização e pela tradição do seu time.

Se retomarmos o item (II), referente às colocações sobre contrato, resgatamo-lo como **“um acordo que pressupõe ações individuais em consonância com certa realidade coletiva”**. Nesse sentido, compreendemos que Oswaldo, ao se apropriar de **“eu torço pro América”** foi além de informar de que torcida faz parte. Quis enunciar que é tão especial quanto o time do coração. Era como se Oswaldo representasse o próprio América: glorioso, vencedor. Bem sabemos, por assim dizer, que as palavras não significam sozinhas, pois elas alcançam certas representações e não outras em função das intenções comunicativas do enunciador, da situação de comunicação e do contexto discursivo. Há, portanto, um combinado que permite às palavras saírem do *status* de “acervo linguístico” e alcançarem significados projetados pelas artimanhas da interação. A *langue*, nessa perspectiva saussuriana, seria, pois, “uma realidade sistemática e funcional”, uma vez que só existe socialmente, contudo apresenta um “lado executivo”, que é a fala. Nesses termos, segundo Saussure (1969), “a execução [da língua] jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor” (p. 21).

A essa altura, o mestre genebrino já instaurava a consciência de que, embora a fala seja uma manifestação individual da língua, ela não se realiza fora do convívio social. Por isso, nas palavras do autor “esta é a primeira bifurcação [social/ individual] que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem” (p.28).

Reconhecer a língua como “acervo” e “realidade sistemática” consiste em admitir, de uma lado, sua unidade coletiva, e, de outro, a ação linguística de cada indivíduo, em uma simbiose entre comunicação e expressão. Essas considerações, irremediavelmente, contri-

buem para a identificação da língua como um contrato do qual se apropriam as pessoas para projetarem sua existência psíquica e social. Embora a metáfora de um acordo contratual se aplique, por todas essas razões, às duas concepções de *langue* – “acervo” e “realidade sistemática” – o mestre de Genebra apenas emprega o termo “contrato” explicitamente na definição de língua como “instituição social”.

No *Curso de linguística geral*, nessa concepção, a língua “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade” (p. 22). Identificá-la como uma unidade que serve às práticas comunicativas dos homens, sem que estes possam alterar sua estrutura e inventar novos códigos fundadores de regras, ao sabor de suas aspirações, significa considerar que eles não estão – nem estarão – qualificados a prover transformações na forma da constituição dos signos, nem na maneira de ordenar sintaticamente unidades para desenvolver uma comunicação inteligível em sua nação.

Pensando com Saussure, constatamos que o termo “código” é utilizado na teorização de língua como “instituição social”, devido ao entendimento de que esta é um objeto material constituído de estruturas cujas normas para o uso colaboram para o funcionamento de um corpo coletivo. No entanto, ao concluir que a *langue* é um sistema que “permite o exercício dessa faculdade [da linguagem] nos indivíduos”, o estudioso instaura, implicitamente, a noção de que, como instituição, a língua é absolutamente distinta das demais e seu contrato, igualmente diferenciado.

A título de ilustração, tomemos o contrato entre moradores de um prédio, ou entre professores de um sindicato, ou gestores de uma empresa. Todos esses poderiam, naturalmente, sofrer modificações pelas ações dos envolvidos, seja pelas forças políticas estabelecidas, seja pelas representações de poder que as pessoas alcançam nesses grupos socialmente organizados. Os indivíduos, nessas situações, apresentam certa autonomia para mudar códigos, procedimentos e acordos, em função do seu poder de articulação. Não é o que acontece com o contrato que legitima o sistema linguístico. Assim como ensinou o mestre suíço, apropriamo-nos da língua e cumprimos o exercício que nos torna únicos em meio à coletividade – falamos. A fala é, de fato, o que diferencia o homem dentre outros animais, por exemplo, mas ela não seria possível sem a força coercitiva do sistema, nem

existiria isoladamente. Não podemos mudar isso segundo nossos anseios voluntários.

Retomando a última reflexão a respeito das noções de contrato, presentes no início desta seção, **“(III)código cujas leis e estruturas garantem a harmonia e a interação entre os membros de um determinado grupo”**, o enunciado **“Eu torço pro América”** torna-se compreensível como produto do sistema linguístico. Neste, o código que valida a comunicação e a expressão em Língua Portuguesa determina que a ordem Eu + torço + pro + América é alcançada pela função que as palavras desempenham de acordo com as classes que integram. Temos a função da referência a pessoas (EU), da manifestação de ações (torço), da relação coesiva entre palavras (pro) e da nomeação de objetos (América). Essas funções descritas nas gramáticas caracterizam a classe dos pronomes, dos verbos, dos substantivos e, até mesmo, a contração entre a classe da preposição e do artigo (pro). Segundo a sintaxe da língua, admitimos combinações dessas classes, desde a forma padrão esperada – SUJEITO + VERBO + CPLEMENTOS/ ADJUNTOS – até uma rearrumação possível que não desestabilize a noção gramatical que cada indivíduo tem de seu sistema. Assim, em uma escala que varia da alta para a baixa compreensão, teríamos: Eu torço pro América/ pro América, eu torço/ torço pro América, eu/ América torço pro eu/ eu América pro torço. Ademais pensando nas unidades sonoras dessas palavras, sabemos que a sílaba atende ao padrão, em Português, da presença obrigatória de uma vogal.

Dito de outro modo, **executamos a língua** (*parole*), com base em um **supercontrato** (*langue*), dotado de regras e de acordos que fundam as possibilidades de interação em Língua Portuguesa. Essa concepção de contrato como organizador do sistema linguístico, no entanto, não é a mesma trabalhada por Patrick Charaudeau, um dos expoentes da Análise do Discurso no século XX e XXI, criador da teoria semiolinguística. Longe de compararmos os autores e de tecer equivalências entre o uso do termo “contrato” em cada vertente teórica, vejamos como essas abordagens parecem ajustar-se uma a outra. Retomemos **“Eu torço pro América”**, ressignificado na tira a seguir.



No texto de Bruno Drummond, a fala do último quadrinho agrega o valor de exclusão ao significante “América”. Ser americano identifica o personagem como “minoria”, já que não faz parte das torcidas numerosas dos clubes cariocas mais populares da primeira divisão. **“Eu torço pro América”**, nesse caso, não valida um julgamento positivo, de reafirmação do sucesso, mesmo que ele seja reflexo de uma memória – representação simbólica alcançada na enunciação de “América” pelo personagem Oswaldo, por exemplo.

Tornando-se fala do personagem de Drummond, o enunciado reconstrói outra simbologia, a de que jovens do início deste século, geralmente, optam por torcerem pelos grandes times do Rio, como Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo. Seria, portanto, raro que algum adolescente desta época quisesse reincorporar o valor de um sucesso que ele não conheceu e, mais que isso, que ele se engajasse em perpetuar a preservação de algo que não o identifica como pró-

prio de seu tempo. Reconhecemos isso tendo em vista **as circunstâncias discursivas** que estão subjacentes à leitura da tira.

De forma mais pormenorizada, essas circunstâncias **detalham o conjunto de saberes partilhados sobre a cultura de tempos sociais específicos**. É natural ao leitor desta tira que ele consulte os guardados de sua memória coletiva e identifique as imagens de um torcedor do América do passado e do presente; que ele crie expectativas sobre a identidade de um jovem torcedor nos tempos de hoje e o compare à de seus conterrâneos. E, dotado dessas avaliações, que ele as relacione **à situação de comunicação** materializada no texto. No caso em questão, poderíamos imaginar, inclusive, quais seriam as reações e ações dos personagens que interagem nos papéis de pai e filho.

Enfim, todo esse saber só se incorpora ao texto se o produtor e o leitor o compartilham, pois não haveria progressão textual e compreensão da mensagem se os participantes da comunicação – Drummond e seu leitor – não tivessem os mesmo dados socioculturais. Além disso, se somos leitores competentes e conhecemos o trabalho do cartunista, podemos esperar dele textos que recriam, com certa dose de humor, hábitos e comportamentos da elite carioca, com alto teor crítico sobre esta, sobretudo para estimular reflexões acerca dos valores materiais, quase sempre mais reconhecidos que os existenciais. Por esse motivo, conhecer **as identidades sociais dos interlocutores** é fundamental para que as expectativas que criamos sobre o conteúdo dos textos e a maneira como a sua linguagem se projeta sejam confirmadas e a nossa leitura, bem sucedida.

Assim, as circunstâncias do discurso e as imagens dos envolvidos na interação nos auxiliam no reconhecimento dos prováveis **temas ou propósitos comunicativos** dos textos, o que facilita a identificação do **projeto de comunicação** ou da sua **intencionalidade**. Não fica difícil perceber que o riso, neste caso, venha ser a comprovação material de que lemos de forma eficaz, pois se aguardamos críticas a *high society* carioca com uma intenção humorística, somos capazes de captar o jogo entre explícito e implícito.

Ao encaminhar seu discurso ao pai, o menino se qualifica como “diferente”, “minoría” e afirma não ser “como os outros rapazes” da sua idade. O material explícito nos encaminha para o contexto discursivo da sexualidade, motivando-nos a pensar que o garoto é “diferente” por ser homossexual. No plano não verbal, o visual alternativo do rapaz e a expressão facial de desespero do pai acionam os

estereótipos situacionais e a exclusão a eles subjacente.

Aprofundando a análise, como leitores de Bruno Drummond, sabemos que suas tiras têm finalidade de construir humor e, portanto, somos levados a buscar outro enquadre sociodiscursivo que confronte implícitos e explícitos. Quando o menino mostra a camisa do América, a porção não verbal aponta para outro contexto discursivo, o futebolístico. A graça se faz quando o jogo “sexualidade”/ “esporte”, revelado explicitamente no plano verbal também com **“Eu torço pro América...”**, resulta em uma crítica refinada e divertida sobre os nossos preconceitos enraizados.

Em resumo, **as circunstâncias discursivas, a identidade dos participantes da interação, o propósito comunicativo (tema) e o projeto interacional (intencionalidade) são constituintes do universo externo à materialidade textual**, mas tão necessários que, sem eles, não conseguimos seguir na leitura de qualquer texto. Isso significa que, sob a ótica dos ensinamentos de Patrick Charaudeau, não é possível desenvolvermos atos comunicativos sem a consideração de um necessário enlace entre elementos externos e internos dessa produção.

Por esse raciocínio, ao se comunicar com seu interlocutor, o homem não pode deixar de lado que suas manifestações de linguagens se orientem em função da exterioridade dessa comunicação. É fundamental, então, que ele tenha em mente *para quem fala, como fala, onde fala e em que condições*. É imprescindível que ele se comporte linguística e discursivamente para construir imagens sociais que deseja transmitir naquela interação, em função das ideologias reconhecidas, que podem ser afirmadas ou contrariadas por ele.

Nesse sentido, há de haver um “contrato” mais amplo, o que enquadre as normas e os procedimentos extra e intradiscursivos da comunicação. Se, para Saussure, o contrato estrutura o sistema linguístico, para Charaudeau organiza o discurso semiolinguisticamente.

O mestre genebrino muito contribuiu para as vertentes das Análises do Discurso, seja a mais periférica – no caso de Pêcheux, por priorizar o exame dos elementos externos à linguagem –, seja a semiperiférica – como Charaudeau, que equivale o material linguístico ao extralinguístico. Isso ocorre a partir do momento em que funda a dicotomia *langue* (social)/ *parole* (individual) e reconhece fatores particulares, “psicofísicos” como essenciais à “execução da língua”. Sendo assim, em sua teoria, o estudioso francês desenvolve a concepção de

um “contrato do discurso”. Antes de nos determos nessa contribuição, precisamos ainda saber que essa vertente teórica é discursiva porque:

Uma análise do discurso, quanto mais se aproxima da linguística, mais nuclear se torna e, quanto mais periférica, mais se aproxima das ciências humanas. Diríamos que a chamada análise anglo-saxã do discurso é relativamente mais nuclear que a proposta de Charaudeau e esta, mais que a de Pêcheux. Charaudeau, portanto, situa-se num meio-termo saudável, equidistante dos extremos, daí sua capacidade para interagir igualmente bem, tanto com linguistas, quanto com estudiosos da Literatura, cientistas sociais, psicólogos e outros especialistas (OLIVEIRA, 2003, p. 26).

Se a análise é da ordem do discurso, por esse prisma, fica claro conceituá-lo como um meio de ação pela linguagem, **o lugar de ser, linguisticamente**. Se, também, semiolinguística, reconhecemos que é simultaneamente:

Semiótica – pela observação de que a relação entre forma (significante) e conteúdo (significado) produz sentidos explícitos e implícitos, em decorrência das padronizações impostas pela vivência linguageira em sociedade e das representações dos saberes de mundo partilhados socioculturalmente, ora para o seguimento desses padrões, ora para a reinvenção deles;

Linguística – porque o material de análise é propriamente a linguagem verbal, pelas suas formas particulares de ordenação da visão de mundo, por meio das relações de seleção (paradigma) e combinação (sintagma) de palavras, frases e estruturas.

Do discurso – porque não podemos desconsiderar a produção linguageira de um indivíduo sem identificarmos as circunstâncias discursivas e ideologias motivadoras de certos tipos de interação, certas escolhas de linguagens, de determinados saberes armazenados em sua memória histórico-cultural, para a produção de textos específicos.

Charaudeau ainda explica que, em sentido estrito, é a língua, manifestação mais recorrente da linguagem na interação entre os homens, que se torna objeto de análise da semiolinguística, visto que é o verbal que materializa e possibilita, grande parte das vezes, a comunicação humana:

Deve-se salientar, entretanto, que a articulação destes termos se faz numa perspectiva linguística (no sentido amplo). Se há construção há comunicação, é de uma comunicação particular que tratamos: aquela que se realiza através da linguagem verbal; se

há construção do sentido, trata-se das construções que se faz pelas formas verbais; se há construção de um texto, trata-se daquelas que se fazem pelo “ordenamento” do verbal (CHARAUDEAU, 2007, p. 13).

De acordo com a análise semiolinguística do discurso, o que se firma entre os interlocutores é um **“contrato de comunicação” que diz respeito às regras e procedimentos linguístico-discursivos de uma situação comunicativa**. Por esse “contrato” estariam legitimados os comportamentos, as formas de tratamento, o estilo de linguagem e os procedimentos discursivos necessários a um determinado evento interacional. Todo esse enquadre sociodiscursivo seria, por assim dizer, de conhecimento prévio dos envolvidos na situação de interação, os quais estariam – ou deveriam estar – cientes dos **implícitos codificados, que correspondem àquilo que é permitido ou interdito em determinada interação**.

Embora desenvolvidas com objetivos distintos, as duas formas de apropriação do termo contrato, por Saussure e por Charaudeau, parecem acoplar-se uma a outra. Para aquele, essa noção consiste em um argumento que justifique o funcionamento do signo linguístico; já para este, essa categoria projeta princípios organizadores de uma interlocução, fornece modelos discursivos de vivência coletiva. Assim, fica claro que ambos apresentam uma intenção de caracterizar a linguagem como atividade pública, teorizando-a como matéria para construção social do sentido. Torna-se relevante, inclusive, lembrar que, embora a teoria saussuriana tome a *langue* como objeto de estudo da Linguística, foi com o mestre genebrino que se considerou a contribuição do indivíduo na apropriação da linguagem, de modo que elementos “psicofísicos” pudessem ser identificados na execução da língua (fala).

Esse legado possibilitou que Patrick Charaudeau apresentasse um quadro teórico de análise que abrigasse fatores externos e internos à materialidade linguística. Não por acaso, a teoria do contrato de comunicação é caracterizada como um modelo psicossocial de interpretação de textos, já que reúne quatro sujeitos essenciais na comunicação: os interlocutores propriamente ditos da situação interacional e os personagens que eles criam de si próprios, com base nas circunstâncias do discurso, nos papéis que desejam assumir e nas finalidades comunicativas.

ABSTRACT

The work of Ferdinand de Saussure was massively revisited, in 2013, the year of the centenary of the death of the Genevian Master. In fact, his linguistic production has always been the object of several studies since the publication of *Course in General Linguistics*, in 1916. This article brings to light the considerations of renowned linguists on the Saussurean work and its links with Discourse Analysis (DA), considering the notions of language sign and discourse sign. Among the various branches of DA, it is made an option herein for the Semi-linguistic conception of discourse, based on the work of Patrick Charaudeau, with emphasis on the concept of contract of communication. With the support of such theoretical support, media texts, verbal and non-verbal, will be analyzed in order to highlight the importance of linguistic signs – language and discourse signs – in the construction of meaning in such text genre.

KEYWORDS: sign – language – discourse – contract of communication

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAYLON, Christian & FABRE, Paul. *Iniciação à linguística*. Coimbra: Almedina, 1990.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

BOUQUET, Simon & ENGLER, Rudolf. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

BOUISSAC, Paul. *Saussure: um guia para os perplexos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Sémantique de la langue, Sémantique de de discours. De la rupture à une communauté de pensée. IN: CARREIRA, Maria Helena Araújo. *Travaux et Document*, 27 – 2005. Paris: Université Paris 8 – Vincenne Saint-Denis, 2005.

_____. “Uma análise semiolinguística do texto e do discurso”.In: GRAVAZZI, Sigrid & PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *Da Língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. & MAINGUEANEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e Linguística Geral*. Rio de Janeiro/ SãoPaulo: Presença/ EDUSP, 1979.

FIORIN, José Luiz, FLORES, Valdir do Nascimento & BARBISAN, Leci Borges (orgs.) *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação na Literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PIOVEZANI, Carlos. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. IN: FIORIN, José Luiz, FLORES, Valdir do Nascimento & BARBISAN, Leci Borges (orgs.) *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística Geral*. 4 ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/USP, 1969.

NOTA

¹ Embora o nome do clube seja grafado oficialmente sem acento, fez-se aqui a opção de utilizá-lo com acento: América.

Recebido em 8 de maio

Aprovado em 22 de maio